



TERÇA-FEIRA

Leo Jaime rouba a cena em Gramado com 'Papagaios'

PÁGINA 4



Doc. traz bastidores de 'Deus Ainda É Brasileiro'

PÁGINA 5



Debate sobre etarismo na tevê esquentado junto ao público

PÁGINA 6



Documentário 'Moacyr Luz, o Embaixador dessa Cidade' revela o Rio de Janeiro sob a ótica do carismático sambista

# Um artista e cidadão carioca

Por AFFONSO NUNES

**A BOEMIA CARIOCA ENCONTRA** seu retrato mais autêntico no documentário "Moacyr Luz, o Embaixador Dessa Cidade", dirigido por Tarsilla Alves. O filme, que faz sua pré-estreia nesta terça-feira (19), às 19h30, no Cine Odeon, revela um mosaico afetivo sobre um dos compositores mais emblemáticos do samba contemporâneo, aquele que fez dos bares e esquinas da Cidade

Maravilhos o palco de uma vida inteiramente dedicada à nossa canção popular.

Carioca da gema, Moa é um nome incontornável no panorama da MPB e do samba em particular. Com sofisticação melódica e poética, pintou retratos autênticos do cotidiano carioca, da boemia, dos amores e das decepções. Nas páginas seguintes, a realizadora fala ao Correio da Manhã da experiência de acompanhar o artista carismático, autor da icônica "Saudades da Guanabara", pela cidade de sua devoção.

ENTREVISTA / TARSILLA ALVES, DIRETORA

# 'Ele inventou um Rio que ele queria viver e que bom que podemos desfrutar dele'

Este é seu primeiro documentário musical? O que a atraiu para esse segmento?

**TARSILLA ALVES** - Como diretora e produtora executiva sim. Mas eu trabalhei em dois documentários musicais um sobre Dorival Caymmi e outro sobre Noel Rosa e recentemente um minidocumentário sobre o Cléber Augusto. Eu amo música, e o samba foi algo que meu pai me deu, ele sempre colocava eu e meus irmãos para ouvir no carro, Almir Guineto, Sombriinha, Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Fundo de quintal, Candeia, sempre fomos para o carnaval, desfilamos no carnaval do Rio, sempre assistimos os desfiles das escolas, a música como um todo sempre foi muito presente na minha vida.

O quanto o roteiro do Hugo Sukman, um dos nossos mais respeitados jornalistas musicais, te auxiliou nessa missão?

Além do Hugo Sukman, temos também o Gabriel Meyohas como roteirista. Ele acabou de ganhar o prêmio Grande Otelo de melhor documentário por "Três Obás de Xangô" então a experiência do Hugo como esse grande jornalista, conhecedor da música brasileira e amigo do Moacyr Luz e do Aldir Blanc, nos ajudou a ter profundidade no assunto, entender todas as fases do Moacyr como melodista, letrista, compositor. Esse arco enorme que o Moa abrange que faz musica para Bethânia e para o Paraíso do Tuiuti. Hugo trouxe toda sua expertise e sabedoria da história da música brasileira, da música de novela também, da composição do Moacyr e da amizade do Moa com Aldir, e o Gabriel trouxe sua experiência de roteirista e sua sabedoria musical e essa atualização dos parceiros jovens do Moa, além do Gabriel ser músico e ter um grupo de samba... então eu estava muito bem acompanhada por esses dois grandes conhecedores e amantes da música brasileira. Eles embarcaram comigo nessa viagem e na ideia dos dias da semana e aí eles seguiram navegando e me entregaram um grande norte. Claro que documentário é um organismo vivo, as coisas mudam pela força da própria vida. Moacyr entrou num CTI depois da primeira diária no Pirajá, e com o taxímetro rodando e a equipe contratada nós fomos improvisando e mudando algumas coisas até ele poder voltar. E nesse momento formamos um grande time improvisando e pensando em novas cenas que não precisaríamos do Moa.

Como Moacyr reagiu à proposta do filme? Quanto tempo durou o processo de filmagem?

Eu liguei pro Moa para convidar ele a par-



No campo musical, 'Moacyr Luz, o Embaixador Dessa Cidade', filme de Tarsilla Alves, faz uma reflexão cartográfica

icipar do filme da Joana Nin sobre o Noel Rosa e no meio do telefonema tive um estalo e falei "Moa vamos fazer um filme sobre você?, você é o cara, você fez tudo" e ele imediatamente topou e ficou super empolgado e ficamos conversando por dois dias quase que ininterruptamente, ele me mostrava composições que estava fazendo no momento e aí estávamos os dois super empolgados. E aí pensei, uau agora vou ter que fazer o filme do bichão. Nesse momento ele ganha a música do carnaval da mangueira e também lança um clipe no Fantástico para o Redentor 90 anos, música que a Luíze Valadao pediu pra ele de encomenda a noite e ele entregou no dia seguinte. E pensei, uau ele tá num auge, será que ele vai

topar mesmo? Moacyr é muito generoso com todos que se achegam a ele. Generoso e leal. Eu fiz uma filmagem ainda sem captação no Samba do Trabalhador e fiz outra quando Moa ganhou o carnaval da Mangueira em Fevereiro de 2022, mas com a captação nós filmamos algumas cenas em Janeiro de 2023 e depois embutacamos o mês de Abril. Então acredito que tenhamos filmado cinco semanas por aí... mas foi um filme bem rápido da captação a finalização durou um ano.

Você colheu depoimentos de artistas como Maria Bethânia, Zeca Pagodinho, Fafá de Belém... Algum deles te surpreendeu?

Na realidade todos me surpreenderam, em primeiro lugar porque todos adoram o Moacyr Luz, adoram mesmo, fazem reverência e tal, mas pela emoção com que eles falam da música do Moacyr, são três gênios emocionados falando da composição genialidade do Moa. Foram entrevistas, muito gostosas de fazer. Realmente emocionante.

Que Moacyr Luz habitava teu imaginário antes de todo esse processo? E que Moacyr sai dele?

O Moacyr do samba do trabalhador, o Moacyr do "Vitória da Ilusão", o Moacyr do Aldir e o Moacyr que comeci a conviver na laje do Augusto Martins que falava

Fotos Divulgação/R2Press



sobre um Rio de Janeiro lírico que insiste em viver apesar de o Tempo tê-lo cancelado. As letras de Moacyr estão grávidas desse Rio



bobagens, fazia música e tomava um drink com os amigos. Eu saio do processo tendo a rara oportunidade de conviver com um gênio completamente generoso, um homem de afetos, um homem dedicado a família, completamente apaixonado pela Marluci, pelos sobrinhos e pelos amigos. Um Moacyr sacana piadista, que tá sempre soltando uma graça. Um Moacyr que faz uma música por dia. E é real, ele faz música quase todo dia, ele não consegue dormir se a inspiração bate. Além de tudo ele produz discos, escreve livro, é um assombro, ele não para. Aprendi muito com ele, sobre o processo de ser artista, sobre a porrada da vida, sobre o respeito que ele tem com a profissão e sobre

os afetos. E eu ganhei um amigo, que me emociona, que acreditou em mim. E que adora uma resenha.

**E como o Moacyr lidava com as câmeras? Mantinha a naturalidade ou ficava mais reservado?**

Moacyr é o Marlon Brando brasileiro. Poderia fazer qualquer filme, é um ator nato. Estava sempre pronto para as câmeras, cabeça voando, inventando novas piadas durante o momento e se entregando as emoções que os encontros do filme proporcionaram. Às vezes ficava cansado e perguntava se aquilo era uma “ceita” (risadas). Mas ele foi maravilhoso conosco o tempo inteiro, jogou muito junto.

**No filme Moacyr fala abertamente de sua atual condição de saúde, reflexo de anos de boêmia, um assunto delicado. Como ele encarou isso?**

É o que ele mesmo diz no filme. “A música é muito solitária, se você não beber não aguenta” mas eu conheci um Moacyr Luz que só sai de dia, que encontra os amigos de dia e, à noite, ele vai pra casa. Então nosso filme é muito solar assim como o carioca é. A condição de saúde do Moacyr tem a ver com um diagnóstico de Parkinson há vinte anos atrás, ele tem vinte anos de Parkinson e sobe no palco e toca e para de tremer, é impressionante, um gigante. Ele é um gigante! Esses dias ele tocou “Coração do Agreste” e fez

uma execução de excelência num solo que eu comecei a chorar, me emocionei, porque existem as variáveis da própria doença, tem dia que piora e tal. Então tem a boêmia claro que tem, ele quer morrer como uma cabra no Nordeste e aproveitar o que puder dessa vida, mas tem uma doença que é a grande vilã da sua condição de saúde. Eu tenho uma amiga médica que frequenta o Samba do Trabalhador e ela fala “ele tá ótimo” muito melhor que muito paciente meu mais novo e com Parkinson há menos tempo. Então deixa ele tomar o Aperol, fazer a música dele que é o que faz ele viver melhor.

**Qual é o lugar de Moacyr Luz na história do samba contemporâneo, na sua visão?**

Eu acho que Moacyr Luz trouxe tudo da tradição e toda sua monstruosidade em termos de composição e execução para o universo do samba. Ele tem como seu pai musical o Hélio Delmiro, então ele empresta esses arranjos, esses acordes ao samba e mistura com a juventude criando ali no Samba do Trabalhador um novo estilo, repleto de sambas autorais, das pandeiradas, das pessoas cantarem o arranjo que ele cria para voz. Moacyr traz toda sua maestria de composição, arranjo, melodia e entrega ao samba. Além disso compõe com os músicos jovens criando algo realmente novo. O samba do Trabalhador está aí e não nos deixa mentir, músicos talentosíssimos, lotando um samba toda segunda o Renascença Clube lá no Andaraí, com composições próprias que o público aprende ali e depois estoura. É maravilhoso, são as coisas que o Moacyr inventa. Ele inventou um Rio que ele queria viver e que bom que todos nós podemos desfrutar dele.

**Como Moacyr reagiu ao ver o filme pronto? Ele se reconheceu no retrato que você fez dele?**

Ele se reconheceu, mas demorou pra cair a ficha porque ele diz que se sente uma estátua andante, que não estaria vivo para ver um filme sobre si. Então cada vez que vemos o filme, bate algo novo, e nesse momento ele está muito feliz, está emocionado... e eu estou muito grata a ele por ter me deixado contar um pouco da sua história de uma maneira tão livre e tão ele, eu queria que as pessoas pudessem conhecer o Rio do Moa, esse jeito dele ver a vida, olhando o copo mais cheio. O filme é o Rio que ele inventou e o espectador tem a oportunidade de conhecer esse Rio e de sentar num bar e ser íntimo do Moa, algo muito além das belas canções do filme. Então dito tudo isso, acho que sim, acho que ele se vê bem claramente no filme.

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**D**omingo à noite, sob um frio de 12 graus, corações cariocas que pulsavam em Gramado deram um solavanco diante do retrato das aves de rapina de nossa cidade levado à serra gaúcha por Douglas Soares em sua estreia na direção de longas-metragens de ficção: “Papagaios”. Toda vez que Leo Jaime entrava em cena, atacando de ator (e mandando benzão) numa interpretação de si mesmo, os olhares da plateia do Palácio dos Festivais não tinham outro foco. Dizem até que o Kikito de Melhor Coadjuvante será dele — merecidamente, a julgar pelo que já se viu.

O desempenho deste cantor, compositor (e ator) é um dos muitos acertos desse concorrente que expõe carências morais do Rio em relação a um de seus patrimônios (outrora) mais louvados: a televisão. Como título dá a entender, é uma trama sobre “papagaios de pirata”, aquela turma que adora um holofote nas coberturas dos telejornais. Esse papel cabe a um Gero Camilo em ponto de bala. A partir de seu personagem, Tunico, o festival mais popular do país entendeu como a mídia enfeitiçada e como seus feitiços produzem abutres. O bonito foi ver uma reflexão tão madura nascer da première de um diretor de veia autoral, que carrega ecos de “O Rei da Comédia” (1982), de Martin Scorsese.

“Esse filme se passa numa época que a gente não diz qual é, para que o público pudesse sentir um tempo em transição, onde a televisão ainda está num lugar de potência que depois foi roubado pela internet, pelas redes sociais, mas é um mesmo Brasil, que é muito midiático”, diz Douglas Soares, conhecido antes por curtas como “Contos da Maré” (2013) e pelo .doc “Xale”, de 2016.

Vitaminado pela montagem de Allan Ribeiro, que alterna humor e suspense com um grau de huma-

# Premières de ferver temperaturas

Entre a ferocidade de ‘Papagaios’, com Leo Jaime no elenco, e a delicada perplexidade de ‘Nó’, a competição de Gramado recebe promissores estreantes em longas de ficção



Em cena com Ernesto Piccolo, Leo Jaime interpreta ele mesmo em ‘Papagaios’

Divulgação



Saravy, de vermelho, ao centro, encarna a mãe coragem Glória, em ‘Nó’

nismo similar ao já citado cult de Scorsese com Jerry Lewis e Robert De Niro, “Papagaios” acompanha Tunico (Gero) com problemas de saúde, mas ainda empenhado em correr atrás de flashes. Vai a enterros para os quais não é chamado, caça tragédias que atraem repórteres e se assanha todo ao saber de uma homenagem a Leo Jaime nas cercanias de Curicica. Esse tributo ao cantor ocorre no momento em que ele acolhe um jovem sem eira

nem beira, Beto (Ruan Aguiar), em seu lar, fazendo dele uma espécie de Robin para sua Gotham City da Zona Oeste. Só não contava com o caráter torto do rapaz. Beto chega a seduzir o motorista de Leo, Clau (papel do diretor teatral Erneto Piccolo, em firme atuação), para ter o que almeja.

Antes de “Papagaios”, no sábado, Gramado viu “Nó”. Primeiro dos seis concorrentes ao Kikito de longas de ficção a cruzar o Palácio

dos Festivais em 2025, o drama dirigido por Laís Melo desata as incongruências do capitalismo ao se instaurar (e bem) numa genealogia lusófona recente que inclui as produções anglo-portuguesas “On Falling”, de Laura Carreira (prêmio de Melhor Direção em San Sebastián, em 2024) e “Listen”, de Ana Rocha (que ganhou cinco prêmios no Festival de Veneza, em 2020). São longas centrados na opressão de mulheres em ambientes laborais. Sua protagonista (e coautora do roteiro com Laís), a atriz Saravy (antes chamada Patrícia Saravy), deslumbrou a serra gaúcha com seu minimalismo.

Glória, sua personagem, é operária numa fábrica de alimentos, que faz aqueles pipocões doces do saco rosa. Tem três filhas, amizades fidelíssimas e tem fé no Santo, batendo cabeça pras entidades que

lhe abrem caminho. Mudou para o Centro, com o intuito de dar às suas meninas uma vida melhor, próxima da escola. No emprego, engata em um processo seletivo que pode lhe assegurar um aumento... de tarefas e de salário. Tudo parece bem, mas parecer e ser... na linhagem de filmes em que Laís insere sua bela longa... não são sinônimos. Há um ex-marido chato... abusador... que almeja a guarda da prole de Glória. Na labuta, essa potencial promoção, que depende de uma escolha da chefia, cria desavenças entre e náuseas afetivas. A toxicidade está no ar que essa mãe coragem respira.

O notável desenho de som de Tulio Borges permite que os silêncios de Glória se agravem na percepção da plateia, da mesma forma como exponencia a majestade de sua gargalhada com prazeres fugazes, na cervejinha com suas camaradas, na alegria de ver a dedicação da filha nos estudos. Nos enquadramentos, a fotografia de Renata Corrêa jamais carrega nas tintas, para não resvalar no melodrama, e deixar a centelha neorrealista da dramaturgia vingar.

Nesta terça, a disputa oficial de longas de Gramado segue via DF, com “A Natureza das Coisas Invisíveis”, que Rafaela Camelo exibiu na Berlinale, em fevereiro. Em seu enredo, conduzido com serenidade, a menina Glória, de 10 anos (Laura Brandão), acompanha a mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um hospital. A garota já conhece o local e costuma explorá-lo sozinha. Um dia, ela conhece Sofia (Serena), da mesma idade, que está lá por causa de sua avó, uma curandeira espiritual que sofre de Alzheimer. Na sequência, na seleção de curtas rola a produção carioca “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli, que levou Gilberto Gil (como ator) à telona da Semana da Crítica de Cannes, em maio.

Gramado dedica parte da noite desta terça a um tributo à atriz Márcelia Cartaxo, estrela de “A Hora da Estrela” (1985) e “Pacarrete” (2019). Ela recebe o troféu Oscarito, honraria destinada a profissionais que redesenharam a brasilidade no cinema.

Olhar Filmes

**53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO**

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**rometido para estrear até o Natal, apontado para outubro em algumas fontes e pra dezembro noutras, “Deus Ainda É Brasileiro” ganha um clima de antecipação no Festival de Gramado, ao ter registros inéditos de seus bastidores projetados no miolo de “Para Vigo Me Voy!”, um dos quatro concorrentes ao Kikito de Melhor Longa Documental de 2025. A produção, que ocupa a telona da serra gaúcha nesta quarta-feira (19), fez sua estreia mundial na seção Classics do Festival de Cannes, em maio.

Na ocasião, arrebatou lágrimas de saudade pela perda de Cacá Diegues (1940-2025), que morreu em fevereiro. Há vários recortes de seu legado no documentário de Karen Harley e Lírio Ferreira, incluindo uma entrevista inflamável realizada no lançamento de “Quilombo”, na França, em meados dos anos 1980. Há imagens dos sucessos que fizeram dele um artesão das narrativas cinematográficas, imortalizado com sua inclusão na Academia Brasileira de Letras (ABL), justificada por sua devoção à escrita, em crônicas.

Esse artista anfíbio, situado entre o cinema e a literatura é abordado em diferentes latitudes em “Para Vigo Me Voy!”, que concorre aos prêmios gaúchos com “Lendo o Mundo” (RN), de Catherine Murphy e Iris de Oliveira; “Os Avós” (AM), de Ana Ligia Pimentel; e “Até Onde a Vista Alcança” (SP), de Alice Villela e Hidalgo Romero. Gramado já premiou Cacá no passado, em 2003, ao conferir a ele o troféu honorário Eduardo Abelin (lâurea entregue na noite de segunda à produtora Mariza Leão). O evento ainda convocou-o para ser o presidente de honra do júri de 2017, quando “Como Nossos Pais”, de Laís Bodanzky, fez uma festa na conquista de Kikitos.

Na lógica de Cacá, o ponto



Divulgação

# Nas graças do Cacá

**Um dos docs. selecionados para Gramado, ‘Para Vigo me Voy’ foca na trajetória do cineasta Cacá Diegues**

‘Para Vigo Me Voy!’, lançado em Cannes, passa na quarta na competição de Gramado, com registro inédito de ‘Deus Ainda É Brasileiro’, que Carlos Diegues deixou de herança pro Brasil

Gabriel Moreira/Divulgação



**O cineasta alagoano, morto em fevereiro, filmou ‘Deus Ainda É Brasileiro’ em 2022, em seu estado natal**

focal de um filme sempre é vetorizado pela vivência e pela urgência do seu povo. O “Deus Ainda É Brasileiro”, que rodou em Alagoas, em 2022, traduz na edição o “perspectivismo de ação” sobre o qual o realizador escreveu muitas vezes na sua coluna no jornal O Globo. Ou seja, o personagem central parece, para alguns, ser o Altíssimo (vivi-

do pelo ator Antonio Fagundes), e, para outros, as mulheres que lhe ensinam o que é resiliência na Terra. Cabe à plateia se agarrar à SUA verdade. Por isso, num reflexo desse instinto (ou saber) do Senhor, o delicado documentário “Para Vigo Me Voy!” abraça muitos Cacás e nos deixe livre para acompanhar aquele que escolhermos.

“Fiz um filme para entender que país a gente é hoje. No auge do governo Bolsonaro, nos dias de pandemia, só conseguia pensar que uma comédia poderia nos ajudar e fui pelo caminho do riso, pois ele nos ajuda a pensar”, disse Cacá ao Correio da Manhã, nas filmagens, em Maceió. “Não se trata de uma comédia pura e simples, no sentido de fazer rir despropositadamente. Eu diria que este filme é uma comédia humanista, uma crônica do que está diante de nossos olhos e, ao mesmo tempo, que nos faz rir, nos indicando caminhos mais adequados nesse momento difícil da humanidade”.

Em meio à Retomada, “Deus É Brasileiro” vendeu 1,6 milhão de ingressos em 2003 e voltou a incluir Cacá entre os fazedores de blockbuster deste país, posto que ocupou em 1976, quando “Xica da Silva” levou 3.183.582 pagantes às salas de exibição, e em 1980, quando “Bye Bye Brasil” vendeu

1.488.812 entradas, amparado numa indicação à Palma de Ouro de Cannes. A Croisette é evocada em “Para Vigo Me Voy!” numa fusão de arquivos de épocas diversas, do início dos anos 1950 ao fim dos anos 2010, com registros de uma festa na casa de Cacá, que nasceu em 19 de maio de 1940 e morreu em 14 de fevereiro deste ano. Na celebração, ele aparece ao lado da sua parceira de trabalho e de (43 anos) de vida, a produtora Renata Almeida Magalhães. Lá estão ainda atrizes, atores, cineastas e produtoras/es de peso para a criação de imagens no Brasil. Existe ainda em “Para Vigo Me Voy!” um núcleo ambientado nos sets de “Deus Ainda É Brasileiro”. Logo no fluxo inicial, nesse ambiente de invenção, Cacá cai e é acudido. Essa sequência não entra como signo de fragilidade, nem como anúncio de finitude. É um signo do acaso, força que ele questionava, mas com respeito, em suas análises política. Na trama de seu esperado canto de cisne, Deus (Antonio Fagundes) não conta mais com seu guia, Taoca (papel de Wagner Moura). Ele regressa à Terra no dia do velório desse amigo, chegando ao planeta com o intuito de acabar com tudo, insatisfeito com os rumos da Humanidade. Passa até por uma reunião celestial para decidir o que será de nós. Ao matar as saudades de sua amiga Madá (Ivana Iza, atriz e documentarista de Alagoas que assume o papel outrora encarnado por Paloma Duarte) e conhecer a jovem Linda (Laila Vieira), o Criador começa a repensar seus afetos e o futuro da América Latina, tendo um político (Otávio Müller) no radar.

“Não acho que Deus seja tão divino assim, pois tenho a impressão de que ele é formado por partes de nós mesmos”, disse Cacá ao Correio, enquanto finalizava o roteiro do seu longa de despedida. “No meu cinema, acho que ele vai representar sempre um direito a todas as possibilidades, num mundo de criação em que nenhuma é proibida”.

Ao rever esse artista gigante, “Para Vigo Me Voy!” não é uma despedida. É um sinal de que Cacá é para sempre. Gramado também.

# Talento, isso a tevé não mostra

Talk show discute apagamento de atores experientes e valorização da teledramaturgia brasileira

Por Affonso Nunes

Uma cena profundamente comovente entre os veteranos Sueli Franco e Tony Ramos na novela “Dona de Mim” reacendeu o debate sobre a valorização de atores experientes na televisão brasileira. Na trama, Rosa (Sueli Franco) enfrenta os primeiros sinais de demência, e seu filho Abel (Tony Ramos) é assassinado em uma emboscada. Em uma sequência emocionante, Abel aparece em sonho para sua mãe, proporcionando um momento de despedida repleto de ternura e perdão. Essa cena não apenas emocionou o público, mas também trouxe à tona discussões sobre o espaço destinado aos atores veteranos nas produções atuais.

É justamente esse tema que será abordado nesta terça-feira (19) no Teatro Fashion Mall, durante a segunda edição do projeto “Diálogos”, que colocará em foco a campanha #EuQueroVerVeteranosnaTV e seus desdobramentos no cenário cultural nacional.

A iniciativa do empresário e produtor Marcus Montenegro, que desde 2020 atua pela reintegração desses profissionais às telas, ganhou força a partir de uma constatação alarmante. Montene-

gro observou que, principalmente após 2015, houve uma redução significativa de papéis relevantes destinados a artistas mais experientes, processo que considera prejudicial não apenas para os profissionais envolvidos, mas para a própria qualidade da teledramaturgia brasileira.

“Foi então que compreendi a necessidade de iniciar um movimento de valorização dos grandes atores — para que eles deixassem de ser empurrados para papéis marginais ou simplesmente deixassem de ser chamados para atuar”, explica Montenegro, fundador da Montenegro Talents, uma das maiores empresas de agenciamento artístico do Brasil e representa mais de 300 artistas em diferentes segmentos.

A percepção do empresário se cristalizou durante suas viagens pelo país com espetáculos protagonizados por atrizes veteranas. Em cada apresentação, uma pergunta recorrente do público chamava sua atenção: “Quando é que vocês vão voltar à TV?”. Essa demanda constante se transformou no combustível para estruturar uma campanha de maior alcance, que hoje mobiliza diferentes setores da indústria audiovisual.

O talk show será conduzido pelo próprio Montenegro e con-



Reprodução TV Globo

O desempenho estonteante de Sueli Franco na novela ‘Dona de Mim’ reacende o debate sobre etarismo na tevê e o público se ressentido das oportunidades mais escassas dadas a artistas da terceira idade



“Compreendi a necessidade de iniciar um movimento de valorização dos grandes atores — para que eles deixassem de ser empurrados para papéis marginais ou simplesmente deixassem de ser chamados para atuar”

Marcus Montenegro

tará com a participação de Mauro Alencar, consultor e pesquisador especializado em teledramaturgia nacional. Mestre e doutor pela USP, Alencar traz ao debate o rigor acadêmico necessário para analisar os caminhos da televisão brasileira, o valor histórico da telenovela e os desafios contemporâneos da indústria. Sua expertise

se materializa em obras como “A Hollywood Brasileira – Panorama da Telenovela no Brasil”, referência no campo dos estudos sobre dramaturgia televisiva.

O movimento liderado por Montenegro se desdobra em outras frentes além da campanha nas redes sociais. O empresário prepara um livro comemorativo pelos

75 anos da telenovela brasileira, projeto ambicioso que reunirá os 300 personagens mais marcantes da dramaturgia nacional. A obra pretende destacar o impacto socioeconômico e político desses personagens na sociedade brasileira, numa tentativa de reconstruir a memória e o prestígio do gênero que se tornou uma das principais expressões culturais do país.

A proposta vai além do simples debate, buscando fomentar ações concretas para a preservação da memória artística nacional e a valorização dos profissionais que construíram a história da televisão e do teatro no país.

A discussão sobre o papel dos veteranos na televisão brasileira ganha particular relevância num momento em que a indústria audiovisual passa por transformações profundas, com a chegada das plataformas de streaming e a reconfiguração dos modelos de produção tradicionais. Nesse contexto, a experiência e o talento acumulados pelos artistas veteranos representam um patrimônio cultural que merece ser preservado e valorizado, não apenas por questões de justiça profissional, mas pela própria qualidade das produções nacionais.

## SERVIÇO

### EU QUERO VER VETERANOS NA TV

Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado) | 19/8, às 20h | Grátis

# Megadeth escolhe sair de cena no auge

Banda expoente do trash metal anuncia turnê de despedida

Por **Affonso Nunes**

**O** Megadeth oficializou o fim de uma era no heavy metal ao anunciar sua turnê de despedida após mais de 40 anos de carreira. A decisão vem acompanhada do lançamento de um último álbum previsto para este semestre, que coincidirá com os shows finais da banda considerada um dos pilares do thrash metal.

O 17º trabalho de estúdio do grupo ainda não teve título ou tracklist divulgados, mas sucederá “The Sick, the Dying... and the

Dead!”, lançado em 2022. Como uma das quatro bandas fundamentais do thrash metal - ao lado de Metallica, Anthrax e Slayer -, o Megadeth ajudou a definir este subgênero mais veloz e pesado do heavy metal que revolucionou a música extrema nos anos 1980.

Dave Mustaine, vocalista, guitarrista e fundador do grupo, justificou a decisão como uma escolha consciente de encerrar a carreira no auge. “Há tantos músicos que chegaram ao fim de suas carreiras, seja acidental ou intencionalmente. A maioria deles não consegue sair no auge, e é aí que estou na minha vida agora”, declarou o músico em comunicado oficial.

O líder da banda pediu aos fãs uma despedida celebrativa: “Não fiquem bravos, não fiquem tristes, fiquem felizes por todos nós, venham celebrar conosco. Juntos, fi-



Divulgação

**Após saída traumática do Metallica, Dave Mustaine fundou outra banda icônica do que seria conhecido como trash metal, o Megadeth**

zemos algo verdadeiramente maravilhoso que provavelmente nunca acontecerá novamente”.

O novo álbum foi gravado com o guitarrista finlandês Teemu Mäntysaari, que assumiu perma-

nentemente o posto anteriormente ocupado pelo brasileiro Kiko Loureiro. Mäntysaari, conhecido por seu trabalho com a banda Wintersun, inicialmente substituiu Loureiro temporariamente durante a turnê “Crush the World” em 2023, antes de se tornar membro definitivo.

Em tom emotivo, Mustaine refletiu sobre o legado da banda. “Iniciamos um estilo musical e começamos uma revolução. Mudamos o mundo da guitarra e como ela é tocada, e mudamos o mundo. As bandas em que toquei influenciaram o mundo”.

Formado em 1983 após a saída controversa de Mustaine do Metallica, o Megadeth vendeu mais de 50 milhões de discos mundialmente e realizou shows em todos os continentes, incluindo diversas apresentações no Brasil. A banda atual é completada pelo baixista James LoMenzo e o baterista Dirk Verbeuren.

Além da turnê final, cujas datas ainda serão anunciadas, Mustaine revelou planos para lançar sua segunda autobiografia em 2026, prometendo revelar detalhes inéditos de sua trajetória musical.

## CRÍTICA / DISCO / OLÓRI-AGBÁYÉ

# ‘Cabeças Universo’ e seu som ancestral

Por **Aquiles Rique Reis\***

Hoje trataremos do CD da Batucada Tamarindo Olóri-Agbáyé (distribuição do Selo Fervo, com apoio do programa Rumos Itaú Cultural). Após o lançamento do primeiro álbum, em 2019, a Tamarindo grava agora o seu primeiro trabalho totalmente autoral. Com vinte anos de atividade, o grupo impressiona pela força que brota da união de pessoas dispostas a manter viva a ancestralidade musical afro-brasileira.

Os maracatus, somados aos tambores de mina e ao afrobeat, encontram-se com a pegada de sintetizadores que, aderida a vozes, matraca, violino, violão, piano elétrico, declamações, guitarra, trompete e trombone, numa sonoridade que reafirma a identidade musical da BT, dão-lhes cara, corpo, alma e inspiração, num som exemplar.

As interpretações são dignas de aplausos de pé. Todas as intervenções rodam imbuídas de tal senso de dignidade que tornam as composições verdadeiras obras de arte.

Ao trazer à luz os seus avoengos, a universalidade ancestral da música da BT lança raios de sol libertários que irrompem em meio às nuvens obscuras. Ao iluminá-las, lançam-se em busca de um futuro sem tiranias ou preconceitos de nenhuma espécie.

Com produção musical de Rodrigo Caçapa, com a presença luminar de Dona Zezé, Dona Neta, Mãe Gê, a Yalorisa Genilce d’ Ògún e Víh Davice, somada aos



Divulgação

instrumentistas Helena Sancho, Edy Trombone, Renatinho do Violino, Isa Uehara, Marly Montoni, Rodrigo Caçapa e Webster Santos, a BT dá ao som o vigor almejado pelo grupo. O que faz de Olóri-Agbáyé um louvor ao canto grupal. Objetivo plenamente alcançado

por cada voz, por cada instrumento e por cada músico, todos perpetuados num só batuque.

Olóri-Agbáyé é expressão iorubá que pode ser traduzida como “cabeças universo”. Assim, cada integrante se transforma ao entregar sua individualidade à coletividade da Batucada Tamarindo. A potência do canto e do ritmo, presentes em cada uma das oito faixas inéditas do disco, torna homens e mulheres indiscutíveis “Cabeças Universo”.

Isto é o que faz da Banda Tamarindo um conjunto a ser ouvido e entendido em sua integridade. Ouça o álbum em <https://acesso.one/PB0qx>.

## Ficha técnica

Banda Tamarindo: Aimê Uehara (baixo e voz), Alysson Bruno (percussão e voz), Abuhl Júnior (percussão e voz), Ilker Ezaki (percussão, violão e voz), Maurício Badé (percussão e voz), Mestre Nico (percussão, trombone e voz). Direção musical: Rodrigo Caçapa. Direção artística: Aimê Uehara, Abuhl Júnior, Alysson Bruno, Ilker Ezaki, Maurício Badé e Mestre Nico. Mixagem: Bruno Buarque. Masterização: Arthur Joly. Design e capa do disco: Mestre Nico (direção de arte), Aimê Uehara (foto). Engenheiro de som: Felipe Faraco. Produtora executiva: Vanessa Soares (Movimentar Produções). Assessoria de imprensa: Bianco Assessoria. Desenho de projeto: Tatu Cultural. Marketing digital / Social media / Registro audiovisual: Aimê Uehara.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Diante dos desafios da identidade

'Zero Grau' estreia no Cine Joia com metalinguagem e referências a Ibsen

Uma reflexão sobre identidade e ética é a premissa de "Zero Grau", texto da atriz e dramaturga Beatriz Napolitani, em cartaz no Cine Teatro Joia, em Copacabana. Ambientada na década de 1980, a montagem acompanha Amanda, jovem de família abastada que enfrenta uma profunda crise existencial. Filha de uma família corrupta, ela vive sob a pressão social de ser feliz e bem-sucedida, mas sem conseguir definir sua própria identidade. Durante um tratamento psicanalítico, ela se depara com escolhas fundamentais sobre sua existência, num processo que mistura realidade e ficção de forma perturbadora.

A dramaturgia, explica Napolitani, se vale do conceito de metalinguagem para estabelecer

um diálogo direto com "Hedda Gabler", clássico do norueguês Henrik Ibsen (1828-1906), um dos pais do realismo moderno no teatro.

Nessa construção, a protagonista vive na ficção teatral aquilo que planeja em sua vida real, criando camadas narrativas que questionam os limites entre representação e autenticidade. "O espetáculo propõe uma reflexão profunda e provocadora: O que é ser? O quanto somos produto da sociedade, da família e das relações de poder? Existe mesmo algo genuíno e autêntico em nós?", detalha a autora.

Dirigida por Napolitani em parceria com Lourenço Marques, a montagem aposta num cenário minimalista que dialoga com a linguagem cinematográfica. Pro-



A atriz e dramaturga Beatriz Napolitani em cena do espetáculo 'Zero Grau'

## SERVIÇO

ZERO GRAU  
Novo Cine Joia  
(Av. Nossa Sra. de Copacabana, 680, Copacabana)  
Até 31/8, aos domingos (19h30)  
Ingressos: R\$ 50

jeções audiovisuais se combinam com objetos de época – vitrola, secretária eletrônica, telefones antigos – para recriar o ambiente de uma década anterior à internet, quando a comunicação exigia presença física e investimento temporal. Essa escolha estética reforça o tema central da peça sobre a construção de relações autênticas.

O elenco reúne Andrea Cals, Alex Gomes, Anna Gama e Carlos Rosário ao lado da própria Napolitani. A montagem mistura humor ácido, drama existencial e questionamentos éticos, acompanhando a trajetória de angústia e autoconhecimento da protagonista num formato que desafia as convenções teatrais tradicionais.

